

---

# Debate: Retórica, Tecnologia e Persuasão na Era Digital - Parte I

Parecer e ser, crer e conhecer, persuadir e provar.

---

## Do Logos à Rede: a Retórica Antiga e o Poder de Convencimento na Era Digital

*Por Odair Aguiar*

5/12/2025

---

### Resumo

Da Grécia Antiga à Inteligência Artificial, o poder da palavra continua moldando realidades.

Para Górgias, o logos não reflete o mundo — ele o cria. Platão, desconfiado, via na retórica o risco da manipulação. Isócrates, mais moderado, lembrava: a técnica é neutra; o problema está no uso que fazemos dela.

Hoje, a Internet e a IA ocupam o lugar da antiga ágora. As redes sociais são arenas de disputa discursiva, mas agora são mediadas por algoritmos que selecionam, amplificam e personalizam discursos. A verdade cede espaço à eficácia; o que importa não é o que é verdadeiro, mas o que é viral.

Se antes o sofista persuadia conscientemente, hoje o algoritmo aprende a persuadir sem responsabilidade moral. Surge, assim, um novo dilema clássico: como conciliar a liberdade de expressão, o pluralismo e o risco de manipulação?

A pergunta que inquietava os gregos retorna com força renovada: **Quem governa o logos — e, hoje, quem governa os algoritmos do logos?**

No fim, a questão permanece ética e humana: **O que fazemos com o poder de falar... e de fazer crer?**

---

### Introdução

Desde a Grécia clássica, a humanidade reconhece o poder da palavra como instrumento de persuasão, influência e domínio. A retórica — arte de convencer — foi, para os gregos, uma **tecnologia simbólica do logos**, capaz de moldar consciências, legitimar regimes e transformar crenças em verdades.

No século XXI, a Internet e a Inteligência Artificial ocupam o mesmo lugar simbólico: tornaram-se **novas tecnologias do logos**, ferramentas que ampliam exponencialmente o alcance da persuasão. Assim como a retórica antiga, essas tecnologias potencializam a liberdade, mas também abrem espaço para a manipulação.

Tal como a ágora ateniense, as redes sociais são arenas de disputa discursiva. A diferença é que, agora, a voz humana é mediada por algoritmos. Reemerge, portanto, o mesmo dilema ético: **quem deve controlar o poder da palavra — e com que direito?**

---

## A Retórica como Tecnologia do Logos

Górgias de Leontinos via na linguagem um poder quase divino. No *Elogio de Helena*, afirma que “a palavra é um grande dominador, que, com um corpo pequeno, realiza as mais divinas obras: pode cessar o medo, eliminar a dor, suscitar a alegria e aumentar a compaixão” (*Hel.* 8). Para ele, o *logos* não espelha o real — **o cria**. A persuasão é força produtiva, capaz de gerar crenças e mover multidões.

Platão, porém, desconfiava dessa força. No diálogo *Górgias*, Sócrates acusa os sofistas de confundirem o saber com a aparência de saber, transformando a palavra em instrumento de manipulação. A retórica, segundo ele, seria “uma adulação” (*kolakeía*), semelhante à culinária: preocupa-se em agradar, não em curar (Pl. *Górgias* 464c).

Isócrates, contemporâneo posterior, buscou uma posição equilibrada. Na *Antidosis* (268–269), defendeu que a retórica não corrompe por si mesma; o mal está em quem a usa mal. “Não é justo culpar os mestres de retórica por corromper os jovens, a menos que também se acusem os mestres de ginástica ou música; em todas as artes, o uso depende do caráter de quem aprende.” Assim, a retórica aparece como uma **tecnologia moralmente neutra**, dependente da intenção e da virtude de quem a emprega.

---

## Da ágora à Internet: a ampliação do espaço retórico

A Internet e as redes sociais podem ser vistas como a **nova ágora global**, onde o discurso molda identidades e opiniões. Antes, a palavra era restrita à voz e ao auditório; hoje, é replicada em escala planetária, por imagens, textos e vídeos que circulam em segundos.

O que o sofista fazia com seu discurso, o **algoritmo** faz agora automaticamente: seleciona, amplifica e personaliza argumentos.

O feed de uma rede social é uma retórica algorítmica — ajusta o discurso para agradar e manter o público atento. A verdade cede lugar à eficácia comunicativa. O critério deixa de ser o que é verdadeiro e passa a ser o que é viral.

O controle não é mais imposto de fora, mas internalizado pelo desejo de exposição e de aprovação. A retórica migrou da praça pública para o campo da subjetividade.

---

## A neutralidade e o uso: de Isócrates à Inteligência Artificial

A crítica contemporânea à Internet e à Inteligência Artificial frequentemente reproduz o mesmo equívoco observado na Antiguidade: atribuir culpa à ferramenta em vez do uso que dela se faz. O argumento de Isócrates aplica-se integralmente ao presente — **a técnica é neutra; a moral é humana.**

Contudo, o cenário atual apresenta um agravante inédito. Enquanto o sofista escolhia o que dizer, o algoritmo “aprende” sozinho a persuadir, sem consciência moral.

A IA gera discursos eficazes, mas não responde por eles — **é persuasão sem sujeito.**

Michel Foucault, em *Vigiar e Punir* (1975), já antecipava essa transformação: o poder moderno é difuso, descentralizado, e molda comportamentos por meio de sistemas automáticos de controle.

A Inteligência Artificial é, nesse sentido, o **novo sofista digital** — um mestre da persuasão sem compromisso com a verdade.

Assim como Górgias podia demonstrar que “nada existe” e, ainda assim, convencer, a IA pode sustentar qualquer narrativa, desde que sua forma discursiva seja convincente.

---

## **Liberdade, censura e o risco da tutela**

A retórica antiga suscitou o mesmo dilema ético que enfrentamos hoje: como conciliar a liberdade de expressão com o risco de manipulação?

Platão propunha restringir o discurso ao âmbito da verdade racional.

Protágoras e Isócrates, ao contrário, defendiam o pluralismo: é no confronto das opiniões (*doxai*) que a cidade se educa.

A discussão contemporânea sobre **moderação de conteúdo, fake news e censura algorítmica** reflete exatamente esse embate.

A limitação do discurso pode proteger jovens de ideologias nocivas — mas também pode permitir que Estados autoritários controlem o acesso à informação.

**Jürgen Habermas**, em *A Inclusão do Outro* (1996), propõe que o discurso legítimo é aquele que ocorre sob condições de liberdade e igualdade, livre de coerções externas. Nas redes sociais, porém, as coerções são invisíveis: algoritmos, emoções, bolhas de opinião.

A antiga preocupação de Platão — “quem governa o logos?” — reaparece sob nova forma: “quem governa os algoritmos do logos?”

---

## **Conclusão**

Comparar a retórica clássica à Internet e à Inteligência Artificial é mais do que uma metáfora: é reconhecer a **continuidade histórica do poder persuasivo do logos.**

A palavra, seja humana ou digital, permanece o instrumento mais eficaz de moldar a realidade.

A diferença é que, hoje, o discurso foi automatizado — e, com isso, o poder de convencer se separou da responsabilidade moral de quem convence.

O desafio contemporâneo é o mesmo que inquietava Isócrates: **como ensinar o uso ético da palavra em uma sociedade que privilegia a eficácia sobre a verdade?**

Talvez o caminho esteja em restaurar a consciência ética do discurso, lembrando que nem o logos, nem a técnica, nem a IA são culpados: são apenas espelhos da vontade humana.

Como na Grécia antiga, a questão essencial permanece:

“O que fazemos com o poder de falar — e de fazer crer?”

---

## Referências bibliográficas

**Górgias.** *Elogio de Helena.*

**Platão.** *Górgias.*

**Isócrates.** *Antidosis* 268–269.

**Aristóteles.** *Retórica.*

**Foucault, Michel.** *Vigiar e Punir.* Paris: Gallimard, 1975.

**Habermas, Jürgen.** *A Inclusão do Outro.* São Paulo: Loyola, 2002.

---